

Ações de prevenção à Aids revelam-se insuficientes



O pesquisador Alexandre Grangeiro, do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, concedeu entrevista exclusiva à Agência Patrícia Galvão em que fala sobre a Campanha de Carnaval de 2010 e faz críticas à política de prevenção adotada pelo Ministério da Saúde para atingir os segmentos considerados mais vulneráveis à epidemia de HIV/Aids.

A seguir, alguns destaques da entrevista (clique nos links para assistir aos trechos):

[As campanhas são mais importantes para criar um ambiente favorável à prevenção da Aids do que para aumentar a informação](#)

“No Brasil criou-se uma cultura de fazer uma campanha de Aids no carnaval; isso facilita a discussão, facilita a assimilação.” (...)

“O carnaval é um momento propício para falar sobre prevenção de Aids, falar sobre sexualidade. A sociedade, de uma certa forma, está mobilizada.”

“Não é ruim fazer uma campanha no carnaval e para um grupo específico; o ruim é fazer a campanha só no carnaval e abordando uma única população. Se ela for parte de uma estratégia de prevenção que se soma a outras ações, que vá gradativamente envolvendo toda a sociedade, ela é boa.”

[Ações de prevenção revelam-se insuficientes](#)

“Desde 1980, no Brasil, todas as pesquisas começaram a demonstrar que o uso do camisinha aumentava. As últimas pesquisas, realizadas em 2008 e 2009, começaram a demonstrar uma tendência ao contrário, esse percentual [de uso do preservativo] vem se reduzindo. Isto pode estar demonstrando uma série de questões.”

[Camisinha tem que ser distribuída e vendida em todos os lugares](#)

“Sinal vermelho: as pesquisas estão mostrando que está reduzindo a parcela da população que usa preservativo. Hoje, os pontos de distribuição e venda de preservativos são insuficientes. Tem que ter preservativo na balada. Tem que ter preservativo na esquina.”

[Se meninas de 13 a 19 anos estão com Aids, significa que elas se infectaram aos 8, 12 ou 14 anos](#)

“As meninas se infectaram - por conta do período de incubação - mais cedo do que efetivamente adoeceram. Esses casos estão demonstrando que há um início de relação sexual desprotegida, não só em relação ao preservativo, mas também em relação à informação, aos cuidados com o corpo e, provavelmente, sem capacidade de dialogar com seu parceiro.”

[O preconceito e o estigma contribuem para aumentar o risco e o número de casos entre gays jovens](#)

“Quando a gente compara a população homossexual com qualquer outra população, [vemos que] é a que mais usa preservativo, é a que tem maior nível de conhecimento, é a que mais se mobiliza contra o preconceito; entretanto, esse grupo continua se infectando mais do que a população em geral (...) e a única faixa etária [em que a epidemia] tem crescido são a dos

homossexuais jovens.”

Preservativo e diálogo: a combinação mais eficaz

“Eu diria que o preservativo é o principal instrumento, é o instrumento mais eficaz; mas sem conversa nem se consegue usar o preservativo. (...) O uso do preservativo [pressupõe] o diálogo entre duas pessoas, significa o acordo entre duas pessoas.”

“O foco principal de uma prevenção da Aids é que as pessoas conversem, dialoguem, e, ao dialogar, decidam a melhor forma de fazer a prevenção.”

O sistema de saúde não está atento para a prevenção da Aids entre as mulheres

“[Nos serviços de saúde] a mulher não é questionada sobre Aids, embora as mulheres estejam mais presentes no serviço de saúde. (...) Ela não consegue se identificar no risco de Aids, e quando ela não se identifica no risco de Aids ela não faz o diálogo em relação à Aids.”

Paradoxo: a população jovem é a que mais usa o preservativo, mas é também a que mais deixa de usar quando há envolvimento afetivo

“A população jovem é a que mais usa preservativo em comparação as outras faixas. A iniciação sexual com preservativo é altíssima no Brasil. (...) Hoje quem tem 20 anos já conheceu a Aids, talvez com menor intensidade do que quem tem 40 anos. (...) Talvez não conheça de fato a gravidade da Aids, (...) mas ao mesmo tempo essa é uma geração que nasce num período em que é mais natural utilizar [o preservativo].”

[Assista à entrevista de Alexandre Grangeiro, concedida a Jacira Melo e Ana Rosa Carrara, da Agência Patrícia Galvão](#)

Para contatar o entrevistado:

Alexandre Grangeiro - médico e pesquisador

[Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP](#)

São Paulo/SP

Tel.: (11) 3061-7076 - - ale.grangeiro@gmail.com

Fala sobre: políticas de prevenção ao HIV e tratamento de Aids; pesquisas epidemiológicas; segmentos vulneráveis

[Saiba mais sobre o aumento da epidemia entre as meninas](#)

[Leia mais sobre a campanha de Carnaval 2010 do Ministério da Saúde](#)

Epidemia de HIV/Aids é jovem, feminina e gay - Entrevista de Vera Paiva

Para comentar o aumento da epidemia de HIV/Aids entre os jovens e a Campanha de Carnaval lançada pelo Ministério da Saúde, que neste ano é dirigida especialmente a garotas e jovens homossexuais na faixa etária de 16 a 24 anos, a Agência Patrícia Galvão entrevistou com exclusividade a pesquisadora Vera Paiva, professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e coordenadora do Nepaids (Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids da USP):

Parte do sucesso do programa brasileiro de Aids deve-se a ele se basear em evidências científicas e não em princípios morais

Camisinha é um recurso do homem. A “tecnologia” das meninas é a conversa

**Os jovens gays vêm usando cada vez menos a camisinha
Vulnerabilidade x ações de prevenção**

Conversas sobre Aids nos espaços religiosos

É inaceitável dizer que a epidemia está estável

Para contatar a entrevistada:

Vera Paiva - psicóloga, professora e coordenadora do Nepaids

[Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids \(Nepaids\) do Instituto de Psicologia da USP](#)

São Paulo/SP

Tel.: (11) 3091-4184

[Saiba mais sobre o aumento da epidemia entre as meninas](#)

[Leia mais sobre a campanha de Carnaval 2010 do Ministério da Saúde](#)

[Epidemia de HIV/Aids é jovem, feminina e gay](#)

É inaceitável dizer que a epidemia está estável

“[Dizer que] está estável é um acinte para as pessoas que se infectam. Estar estável significa quantas pessoas infectadas com a epidemia?”

Epidemia de HIV/Aids é jovem, feminina e gay

Os jovens gays vêm usando cada vez menos a camisinha / Vulnerabilidade x ações de prevenção

“Os velhos homossexuais pensam na camisinha como um artefato emancipador. Quem pensou na camisinha como artefato de defesa e presenteou a humanidade toda com essa idéia foram os homens gays. Para a geração atual, a camisinha é significada como opressão, sanitária. É uma outra geração que não entende essa noção [da camisinha] como emancipadora.”

“Ser jovem e gay só significa vulnerabilidade frente à Aids se não houver ações de prevenção no ambiente de convivência desse jovem. Não é porque ele é jovem que é vulnerável à Aids.”

Epidemia de HIV/Aids é jovem, feminina e gay

Conversas sobre Aids nos espaços religiosos

“Mesmo na comunidade de evangélicos eles começam a vida sexual aos 14 e 15, igualzinho ao

resto do mundo. E sem camisinha. Como todo mundo acha que eles vão chegar virgens até o casamento, não se fala desse assunto.”

[Epidemia de HIV/Aids é jovem, feminina e gay](#)

Evidências científicas e não princípios morais

“Os dados indicam que as jovens são as mais afetadas pela Aids; então, é a elas que se deve dirigir primordialmente a campanha. É ineficaz você deixar de falar de camisinha. O preservativo é importante em qualquer programa de prevenção.”

[Epidemia de HIV/Aids é jovem, feminina e gay](#)

Camisinha é um recurso do homem. A “tecnologia” das meninas é a conversa

“A camisinha, anatomicamente, não é um recurso da mulher. A camisinha é um recurso do homem, é o homem que põe e tira a camisinha. Para se proteger da Aids as meninas têm que conversar com o parceiro, e nos diversos espaços não se tem trabalhado essa habilidade.”

[Epidemia de HIV/Aids é jovem, feminina e gay](#)

Epidemia de HIV/Aids é jovem, feminina e gay



Para comentar o aumento da epidemia de HIV/Aids entre os jovens e a Campanha de Carnaval lançada pelo Ministério da Saúde, que neste ano é dirigida especialmente a garotas e jovens homossexuais na faixa etária de 16 a 24 anos, a Agência Patrícia Galvão entrevistou com exclusividade a pesquisadora Vera Paiva, professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e coordenadora do Nepaids (Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids da USP):

Alguns destaques da entrevista (clique nos links para assistir aos trechos):

Parte do sucesso do programa brasileiro de Aids deve-se a ele se basear em evidências científicas e não em princípios morais

“Os dados indicam que as jovens são as mais afetadas pela Aids; então, é a elas que se deve dirigir primordialmente a campanha. É ineficaz você deixar de falar de camisinha. O preservativo é importante em qualquer programa de prevenção.”

Camisinha é um recurso do homem. A “tecnologia” das meninas é a conversa

“A camisinha, anatomicamente, não é um recurso da mulher. A camisinha é um recurso do homem, é o homem que põe e tira a camisinha. Para se proteger da Aids as meninas têm que conversar com o parceiro, e nos diversos espaços não se tem trabalhado essa habilidade.”

Os jovens gays vêm usando cada vez menos a camisinha **Vulnerabilidade x ações de prevenção**

“Os velhos homossexuais pensam na camisinha como um artefato emancipador. Quem pensou na camisinha como artefato de defesa e presenteou a humanidade toda com essa idéia foram os homens gays. Para a geração atual, a camisinha é significada como opressão, sanitária. É uma outra geração que não entende essa noção [da camisinha] como emancipadora.”

“Ser jovem e gay só significa vulnerabilidade frente à Aids se não houver ações de prevenção no ambiente de convivência desse jovem. Não é porque ele é jovem que é vulnerável à Aids.”

Conversas sobre Aids nos espaços religiosos

“Mesmo na comunidade de evangélicos eles começam a vida sexual aos 14 e 15, igualzinho ao resto do mundo. E sem camisinha. Como todo mundo acha que eles vão chegar virgens até o casamento, não se fala desse assunto.”

É inaceitável dizer que a epidemia está estável

“[Dizer que] está estável é um acinte para as pessoas que se infectam. Estar estável significa quantas pessoas infectadas com a epidemia?”

Assista a entrevista de Vera Paiva, concedida a Jacira Melo e Ana Rosa Carrara, da Agência Patrícia Galvão

Para contatar a entrevistada:

Vera Paiva - psicóloga, professora e coordenadora do Nepaids

[Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids \(Nepaids\) do Instituto de Psicologia da USP](#)

São Paulo/SP

Tel.: (11) 3091-4184

E-mail: veroca@usp.br

[Saiba mais sobre o aumento da epidemia entre as meninas](#)

[Leia mais sobre a campanha de Carnaval 2010 do Ministério da Saúde](#)

[Campanha de Carnaval prioriza garotas e jovens gays](#)

Em debate, a campanha de prevenção ao HIV/Aids lançada pelo Ministério da Saúde no Carnaval de 2010: assista às entrevistas exclusivas concedidas à Agência Patrícia Galvão



[Epidemia de HIV/Aids é jovem, feminina e gay](#)

[Psicóloga Vera Paiva \(Nepaids/USP\) comenta o aumento da epidemia de HIV/Aids entre as garotas e jovens](#)



[Ações de prevenção à Aids revelam-se insuficientes](#)

[O médico Alexandre Grangeiro \(FMUSP\) critica política de prevenção do Ministério da Saúde](#)

Camisinha. Com amor, paixão ou só sexo mesmo. Use sempre.



Este é o slogan da campanha para prevenção ao HIV/AIDS que o Ministério da Saúde preparou para o Carnaval 2010 tendo como foco jovens na faixa etária de 16 a 24 anos, em especial garotas e jovens homossexuais.

A campanha é dirigida para quem tem relação estável ou casual. São três vídeos, um para as meninas, um para os jovens gays e o outro (a ser veiculado no período pós-carnaval) de incentivo à realização do teste de HIV. Em ambos a protagonista é uma camisinha falante que alerta os jovens para o uso do preservativo. Uma das vozes é da atriz Luana Piovani, que aderiu à campanha sem cobrar cachê.

Entre jovens, epidemia de Aids é mais feminina e gay

Na faixa etária de 13 a 19 anos, a maior parte dos registros da doença está entre as mulheres. Segundo o Ministério, desde 2008, o número de casos de Aids tem sido maior entre as mulheres jovens: são 8 casos em meninos para cada 10 casos em meninas.

E para os homens dos 13 aos 24 anos, a principal forma de transmissão é a homossexual. Dados de 2007 mostram que entre os jovens do sexo masculino, a transmissão é maior entre homossexuais (39,2%) do que em heterossexuais (22,2%).

Diversos fatores explicam a maior vulnerabilidade dos jovens para a infecção pelo HIV. Segundo Mariângela Simão, diretora do Departamento de DST/Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, entre as meninas as relações desiguais de gênero e o não reconhecimento de seus direitos, incluindo a legitimidade do exercício da sexualidade, contribuem para que elas não se protejam.

Já no caso dos jovens homossexuais, falar sobre sexo é ainda mais difícil do que para os heterossexuais. “Eles sofrem preconceito na escola e, muitas vezes, na família. Isso faz com que baixem a guarda na hora de se prevenir, o que os deixa mais vulneráveis ao HIV”, explica Mariângela Simão.

Mudando a estratégia

As principais peças da campanha de 2010 são os vídeos, jingles, cartazes e folderes. E este ano o Ministério da Saúde adotou uma estratégia diferente, criando duas mensagens que serão veiculadas antes e depois do carnaval.



Antes do carnaval – A mensagem é de prevenção. Com o slogan “Camisinha. Com amor, paixão ou só sexo mesmo. Use sempre”, a campanha quer atingir tanto os apaixonados quanto quem quer apenas curtir. São dois vídeos, um direcionado às meninas e o outro, aos jovens gays. Em ambos, o protagonista é uma camisinha falante que alerta os jovens para o uso do preservativo,

pedindo para não ser esquecida.



Depois do carnaval – Para depois do carnaval, a mensagem é sobre o teste de HIV: quem fez sexo sem camisinha, no carnaval ou não, deve fazer o teste. No vídeo, o preservativo também é protagonista e fala a um jovem que não consegue dormir sobre a importância de realizar o exame anti-HIV.

[Acesse a matéria do Jornal Nacional - 06/02/10 em pdf](#)

[Visite o site da Campanha Carnaval 2010](#)

Mais dados do Ministério da Saúde

“Entre 2000 e junho de 2009, foram registrados no Brasil 3.713 casos de aids em meninas de 13 a 19 anos (60% do total), contra 2.448 meninos. Na faixa etária seguinte (20 a 24 anos), há 13.083 (50%) casos entre elas e 13.252 entre eles. No grupo com 25 anos e mais, há uma clara inversão – 174.070 (60%) do total (280.557) de casos são entre os homens.

A [Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas da População Brasileira](#), lançada pelo Ministério da Saúde em 2009, também ajuda a explicar a vulnerabilidade das jovens à infecção pelo HIV. De acordo com o estudo, 64,8% das entrevistadas entre 15 e 24 anos eram sexualmente ativas (haviām tido relações sexuais nos 12 meses anteriores à pesquisa). Dessas apenas 33,6% usaram preservativos em todas as relações casuais, as que apresentam maior risco de infecção.

Nos homens, 69,7% dos entrevistados eram sexualmente ativos. Entre eles, porém, o uso da camisinha é maior: 57,4% afirmaram ter usado em todas as relações com parceiros ou parceiras casuais.

Gays – Na faixa etária de 13 a 19 anos, entre os meninos há mais casos de Aids por transmissão homossexual (39,2%) do que heterossexual (22,2%), no ano de 2007. Essa tendência é diferente do que ocorre quando se observa todos os casos de Aids adquiridos por transmissão entre homens – 27,4% homossexual e 45,1% heterossexual.

Nas escolas – O carro-chefe das ações de prevenção à Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis é o programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), uma iniciativa dos ministérios da Saúde e da Educação. Criado em 2003, o SPE tem como objetivo central desenvolver estratégias para redução das vulnerabilidades de adolescentes e jovens. As ações se dão de forma articulada entre escolas e unidades básicas de saúde. Hoje, 50.214 escolas de todo o país participam do programa.

A iniciativa trabalha a inclusão, na educação de jovens das escolas públicas, dos temas saúde reprodutiva e sexual. O SPE reúne ações que envolvem a participação de adolescentes e jovens (de 13 a 24 anos), professores, diretores de escolas, pais dos alunos, e gestores municipais e estaduais de saúde e educação. É no âmbito deste programa que se disponibiliza preservativos nas escolas.”

Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais

Tel.: (61) 9221-2546 / 3306 7051 / 7033 / 7010 / 7016

www.aids.gov.br - imprensa@ids.gov.br

Atendimento ao cidadão: 0800 61 1997 e

(61) 3315-2425

Indicação de fontes

Alexandre Grangeiro – médico e pesquisador
Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP
São Paulo/SP
Tel.: (11) 3061-7076 – ale.grangeiro@gmail.com
Fala sobre: políticas de Aids; segmentos vulneráveis

Regina Barbosa – médica e pesquisadora
[Núcleo de Estudos de População da Unicamp](#)
São Paulo/SP
Tel.: (19) 3521-5907 – rbarbosa@nepo.unicamp.br
Fala sobre: saúde coletiva; políticas de Aids; prevenção, controle, diagnóstico e tratamento da Aids entre mulheres

Mafoane Odara Poli Santos – psicóloga e pesquisadora do Nepaids
Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids (Nepaids) do Instituto de Psicologia da USP
São Paulo/SP
Tel.: (11) 3061-0620
Fala sobre: juventude e sexualidade; vulnerabilidade das meninas ao HIV/Aids

Vera Paiva – psicóloga e pesquisadora do Nepaids
[Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids \(Nepaids\) do Instituto de Psicologia da USP](#)
São Paulo/SP
Tel.: (11) 3091-4184
Fala sobre: sexualidade; prevenção; atenção psicossocial

[04/02/2010 - Católicas criticam Lula por ceder à CNBB](#)

ONG Católicas pelo Direito de Decidir acusa governo de recuar em pontos mais polêmicos do Programa Nacional de Direitos Humanos

Reportagem de O Estado de S.Paulo informa que a organização não-governamental Católicas pelo Direito de Decidir (CDD/Br) divulgou nota em que critica duramente o governo do presidente Lula pelas mudanças sobre questões polêmicas como a descriminalização do aborto e a união civil entre pessoas do mesmo sexo no texto do 3º Programa Nacional de Direitos Humanos. Para a ONG, trata-se de um recuo ligado a interesses eleitorais.

Segundo apurou a reportagem do Estadão, a nota é uma reação às manifestações da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), contrária à posição original do governo de apoiar projetos de lei favoráveis à não criminalização do aborto e à união civil. “Um governo que é respeitado no cenário internacional como democrático e defensor dos direitos humanos dobra-se à pressão política da hierarquia católica, sobrepondo interesses eleitorais à vida das mulheres e à dignidade de pessoas homossexuais”, afirma a organização Católicas, que defende a laicização do Estado, ataca as interferências da CNBB nas instâncias públicas e acusa o governo de subserviente.

“Católicas pelo Direito de Decidir repudia tanto o intervencionismo autoritário da hierarquia da Igreja, quanto a subserviência do governo federal, que, visando às eleições, joga no lixo o

processo de debate público realizado amplamente com a sociedade brasileira para chegar ao texto do Programa Nacional de Direitos Humanos lançado em dezembro de 2009”, afirma a nota.

O grupo Católicas pelo Direito de Decidir apresenta-se como “entidade feminista, de caráter inter-religioso, que busca justiça social e mudança de padrões culturais e religiosos vigentes em nossa sociedade, respeitando a diversidade como necessária à realização da liberdade e da justiça”.

A ONG atua em forma de rede em vários países da América Latina defendendo o direito das mulheres de tomarem decisões sobre todos os campos de suas vidas, incluindo o aborto. Segundo a reportagem, a organização conta com o apoio de teólogos ligados à Teologia da Libertação e desfruta de respeito em debates internacionais, mas é repudiada pela cúpula da Santa Sé. Em 2009, representantes das Católicas participaram dos debates organizados pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, sob a coordenação do ministro Paulo Vannuchi, que resultaram no texto do PNDH-3.

[Leia a íntegra da nota da ONG Católicas pelo Direito de Decidir](#)

Acesse a reportagem na íntegra: [O Estado de S.Paulo - 04/02/10](#)

Saiba mais sobre a organização [Católicas pelo Direito de Decidir \(CDD/Br\)](#)

[Acesse o Plano Nacional de Direitos Humanos \(PNDH-3\) em pdf](#)

Indicação de fontes

Flavia Piovesan - advogada e professora da PUC/SP

[Procuradoria do Estado de São Paulo](#)

São Paulo/SP

Tel.: (11) 3815-9894 / 9997-5003 - piovesan@dialdata.com.br

Fala sobre: Direitos Humanos; direito constitucional; direito ao aborto

Regina Soares Jurkewicz - doutora em sociologia e coordenadora da CDD/Br

[Católicas pelo Direito de Decidir/Brasil - CDD/Br](#)

São Paulo/SP

Tel.: (11) 3541-3476 - cddbr.regina@uol.com.br

Fala sobre: direitos reprodutivos e sexuais, direito ao aborto e direitos humanos; Estado laico

Silvia Pimentel - advogada e integrante do CEDAW/ONU

CEDAW/ONU (Comitê sobre a Eliminação da Discriminação contra a Mulher da ONU) e

[Cladem \(Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher\)](#)

São Paulo/SP

Tel.: (11) 5181-1636 / 5181-1640 / 9162-1709 - cladem@uol.com.br

Fala sobre: ONU e direito internacional; direitos das mulheres; participação das mulheres em espaços de poder e decisão